



INTRODUÇÃO DO CADERNO TEMÁTICO “GEOGRAFIAS NEGRAS”

INTRODUCTION OF THE THEMATIC BOOK “BLACK GEOGRAPHIES”

INTRODUCCION DEL LIBRO TEMÁTICO “GEOGRAFÍAS NEGRAS”

INTRODUCTION DU LIVRE THÉMATIQUE “GÉOGRAPHIES NOIRES”

Diogo Marçal Cirqueira¹

Geny Ferreira Guimarães²

Lorena Francisco de Souza³

*Esse caderno temático é dedicado à memória do
geógrafo e ativista Andreino Campos (1949-2018).*

O objetivo do *Caderno Temático - Geografias Negras* é reunir a produção de pesquisadores negros e negras que buscam compreender as relações étnico-raciais, o racismo, o antirracismo, as populações negras (brasileira, africanas e diaspóricas) a partir da Geografia e das teorias espaciais. A necessidade de organizarmos um dossiê temático surge devido a gama de discussões que vêm emergindo sobre a presença de discursos racializados na história do pensamento geográfico, na teoria, epistemologia e em propostas de método e metodologias para ensino e pesquisa na Geografia atualmente. Do mesmo modo, nos instiga o protagonismo de geógrafas/os negras e negros que vem forçando o cânone geográfico a debater e a rever - a partir das relações étnico-raciais -

¹ Doutor em Geografia (UFF) e professor de Geografia no Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR-UFF). E-mail: diogomc@id.uff.br

² Doutora em Geografia (UFBA). Professora EBTT de Geografia do Colégio Técnico da UFRJ (CTUR) - Seropédica. E-mail: genybr@yahoo.com.br

³ Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Docente na Universidade Estadual de Goiás (UEG/UnU Itapuranga). E-mail: loren.ueg@gmail.com



temas tradicionais da disciplina. Esses geógrafos, dos quais alguns estão presentes nessa coletânea, trazem abordagens críticas a partir da Geografia das relações étnico-raciais com a finalidade, justamente, de dismantelar as espacialidades do racismo.

A Geografia é a disciplina do poder, como afirma Raffestin (1993). Não somente porque, como enfatiza Foucault (1988), o espaço é peça fundamental para o exercício do poder, mas, também, devido ao fato que desde tempos remotos esse campo do conhecimento foi utilizado como ferramenta de dominação e controle por Estados-nacionais modernos e por corporações econômico-militares. A Geografia se consolidou como ciência moderna *pari passu* aos avanços imperialistas e colonialistas europeus do século XIX. Ela foi instrumental nesse processo, algo que não esteve somente ligado a logísticas de deslocamento, conhecimento e expropriação territorial (MORRISSEY *et al*, 2014), mas, na própria conformação de “geografias imaginativas” (SAID, 2006) para legitimar domínios para além da Europa. Isso teve efeitos diretos na epistemologia da “ciência” geográfica que, direta ou indiretamente, reproduziu processos de hierarquização e subalternização. Como se nota no discurso dos fundadores da Geografia Moderna (Ritter, Ratzel, Paschel, Semple etc.), esta reproduziu processos de subjugação, reificou desigualdades e naturalizou hierarquias, além de difundir ideologias de supremacia branca e do patriarcado.

Como exemplo disso, no século XIX a disciplina desenvolveu metodologias que articulavam meio e raça de forma determinista e hierarquizante. Da mesma forma que a natureza foi compreendida como algo diverso e desigual por geógrafos, o humano inserido nas leituras geográficas não era um “humano universal”, mas, categorizado pelas lentes da raça. Assim, de maneira sobreposta, os meios iam dos degenerantes (os tropicais) aos meios propícios para o desenvolvimento de civilizações avançadas (o mediterrâneo) e as raças iam das inferiores (negros, brancos e amarelos) às superiores (brancos). Igualmente, a própria metodologia de regionalização, o cerne a Geografia moderna, não se estabelecia como um procedimento simples de “separar por distinção e agrupar por similaridade”. De fato, o método regional moderno, como uma lógica de ordenação de heterogeneidades na superfície do planeta, conformou-se como uma metodologia de produção diferença hierarquizada, particularmente da diferença humana articulada a um ambiente natural.



Muitas dessas ideias se reproduziram no pensamento geográfico no decorrer do século XX e, em alguns casos de maneira subliminar, chegaram até o nosso presente. Kobayashi (2004, p. 238-239) destaca, por exemplo, que mesmo que as geografias imperialistas e colonialistas tenham desaparecido, muito de seus aspectos interpretativos não foram totalmente abandonados pelas teorias geográficas do século XX - que buscavam se esquivar do determinismo geográfico em favor da cultura como forma de diferenciação dos sistemas humanos. De acordo com a autora, manteve-se uma crença implícita nas diferenças fundamentais que a raça criou e a Geografia falhou em estabelecer uma compreensão crítica sobre as consequências humanas da racialização: a desigualdade, pobreza, degradação, negação dos direitos humanos e da dignidade, apagamento ou exotização das culturas etc. A raça, assim, permaneceu dissimulada e codificada na epistemologia geográfica. Como efeito, ao tempo que houve uma ausência de crítica e reflexão teórica do cânone geográfico sobre a raça, incorporou-se negros (indígenas e mulheres também) como objetos - e não como pontos de vista que questionavam as visões hegemônicas de Geografia.

O caso brasileiro é emblemático a esse respeito, pois, leituras que tinham como cerne a raça se difundiram entre nossos geógrafos por todo o século XX. Por exemplo, Delgado de Carvalho (1927) e Everardo Backheuser (1926-1927), os fundadores da “geografia moderna” no Brasil, ingressaram nos debates sobre o futuro da nação nos anos de 1920 e estabeleceram várias leituras sobre a composição racial e a natureza do “povo brasileiro”. Ambos os autores encamparam o projeto de branqueamento da população brasileira, muito em voga entre cientistas e políticos no período. Dentre os autores europeus que trabalharam na fundação das Faculdades de Geografia em São Paulo e no Rio de Janeiro na década de 1930, autores como Leo Waibel (1949) e Pierre Deffontaines (1945) estabeleceram interpretações sobre a assimilação e reprodução da população branca-europeia nos trópicos brasileiros. E, por fim, geógrafos como Aroldo de Azevedo (1975; 1975[1969]) e Luiz Melo Rodrigues (1970), na década de 1970, desenvolveram uma série de leituras sobre a formação da população brasileira que, de forma paradoxal, enfatizavam a ideia de mestiçagem como aspecto característico e positivo do povo brasileiro, enquanto reproduziam leituras estereotipadas sobre os “tipos raciais” brasileiros baseados na ciência racialista do séc. XIX.



Como percebemos, a raça não é um tema circunstancial na história do pensamento geográfico, indo na contramão dessa ideia, acreditamos que raça está no cerne da história moderna da disciplina. A problemática, no entanto, é que esse tema ficou circunscrito, na maioria dos casos, a interpretações conservadoras e racistas e a geógrafos brancos, que propagavam suas perspectivas e posicionamentos sem a mínima contestação - visto que falavam de “lugares de confinamento branco” (CARVALHO, 2006) como eram as universidades brasileiras do séc. XX.

Nos últimos 20 anos, entretanto, emergiu uma considerável produção que busca articular a dimensão geográfica/espacial às relações raciais com um viés crítico. Alguns autores vêm denominando essas leituras de “geografia das relações raciais” (SANTOS, 2011, 2012; OLIVEIRA, 2011), de leituras da “espacialidade das relações étnico-raciais” (RATTS, 2010), discutindo *corpus* conceitual próprios para reflexões sobre a construção da “dimensão racial do espaço” (GUIMARÃES, 2015). Ainda que tenha se concentrado no campo disciplinar da Geografia, pesquisadores de outras áreas também se aventuraram a pensar a espacialidade dessas relações raciais (ver. SODRÉ, 1988; ROLNIK, 1989; RUFINO DOS SANTOS, 1996). Isso de alguma maneira demonstra como o espaço é uma “instância” importante para compreensão das relações étnicas e raciais no contexto brasileiro e diaspórico.

No mundo de língua inglesa há também uma vibrante produção sobre o que vem sendo denominado de “Black Geographies” (MCKITTRICK, 2006; MCKITTRICK, WOODS, 2007; BRESSEY, 2015; EAVES, 2017). Tal perspectiva privilegia a experiência geográfica da população negra na diáspora e conforma lentes teóricas que buscam compreender a existência negra, que é distintiva de outros grupos em sociedades pós-coloniais e pós-escravistas. Busca-se romper com as objetificações da população negra ou com interpretações que focam apenas nos processos de dominação, subalternização e expropriação. A perspectiva centrada nas *Black Geographies* privilegia em sua interpretação a geografia expressiva - e “in-visível” - e a agência do povo negro no espaço.

Ainda que os nossos consortes do Norte venham desde os anos 2000 utilizando o termo “Black Geographies”, a ideia de Geografia Negra, como estamos utilizando aqui, está conectada também as visões políticas dos ativistas do “movimento negro de base acadêmica” (RATTS, 2009) do final dos anos de 1970 e dos 80. Eduardo de Oliveira e



Oliveira, por exemplo, destacava a necessidade de criação de uma “ciência para o negro”, uma “sociologia negra”. Beatriz Nascimento (2007), do mesmo modo, enfatizava a premência de se estabelecer “uma história do homem negro”. Esses anseios estavam marcados, tanto pela vontade de produzir narrativas - científicas - que extrapolassem os estereótipos e narrativas subalternizantes que povoavam as ciências sociais brasileiras no período, quanto posicionar a própria pessoa negra como produtora e protagonista na produção desse discurso científico. Como enfatizava veementemente Oliveira, o projeto de enegrecer as ciências sociais envolvia “um aspecto da maior relevância – [ou seja] revelar o negro como criatura e criador. Numa palavra: Sujeito” (OLIVEIRA *apud* TRAPP, 2018, p. 198-199).

Deve-se mencionar também que, nas últimas duas décadas, as políticas afirmativas ampliaram a entrada de estudantes negros e negras nas universidades brasileiras e, de alguma forma, impactaram na política de produção do conhecimento dessas instituições. Da condição de objeto de estudos, estudantes negros passaram a questionar a produção de conhecimento realizada nas universidades brasileiras e a dar sua própria versão sobre uma série de temas. As ciências humanas, dentre elas a Geografia, foram deveras afetadas com isso, pois tiveram que incorporar em seus enfoques leituras sobre as relações étnico e raciais.

Assim, a ideia de *Geografias Negras* que expressamos aqui segue o projeto dessa militância negra dos anos 80, mas, incorpora influências políticas e teóricas atuais. Além de priorizar a autoria e perspectiva negra, busca dar relevo às experiências, agências e performances do povo negro no e pelo espaço. Isso envolve justamente refletir sobre marcas e expressões desse grupo na paisagem e nos lugares, tal qual, sobre a protagonização de processos de formação e defesa territoriais, bem como inserindo estratégias pedagógicas para o ensino das relações étnico-raciais na geografia escolar. Está no âmago das *Geografias Negras* interpretações e o diálogo com as “geo-grafias”, “r-existências” e estratégias espaciais de grupos e dos movimentos negros.

O *Dossiê Geografias Negras* emerge na esteira de uma série de trabalhos individuais (CAMPOS, 2005; MALACHIAS, 2006; SOUZA, 2007; OLIVEIRA, 2011; CIRQUEIRA, 2015; SANTOS, 2011; GUIMARÃES, 2015 dentre outros) e de coletâneas, como *Diversidade, espaço e relações étnico-raciais, Questões urbanas e racismo* (SANTOS, 2007; 2012) e *Espaço e diferença* (RATTS *et al* 2018), que



apresentam interpretações geográficas das relações étnico-raciais. Nesse sentido, acompanhando esse movimento, o intuito do Dossiê é apresentar uma síntese, no atual momento, da produção de pesquisadores negras e negros (do Brasil e da diáspora) no campo da Geografia e da teoria espacial.

As autoras e autores negras/os que compõem o Dossiê residem em diferentes estados do Brasil como Rio de Janeiro, Bahia, Goiás, Tocantins, São Paulo e, alguns, são de fora do país, como Lima (Peru) e Austin (EUA). Quanto ao escopo temático dos artigos, salientamos que há leituras sobre comunidades que estão envolvidas em conflitos ou processos de defesa territoriais, como de Terreiros e Quilombos; críticas e propostas teóricas para uma abordagem das relações étnico-raciais a partir da Geografia e das Geografias Negras; propostas de ensino de Geografia para uma educação das relações étnico-raciais e antirracista; análises de contextos racializados na diáspora com foco na Geografia Histórica; análises geográficas sobre o crescente genocídio negro no Brasil; leituras a partir da interdisciplinaridade entre Geografia, linguagens e outras áreas do conhecimento; a relação Brasil-África etc. A produção deste trabalho reforça a defesa por uma epistemologia da Geografia da diferença. E, essas produções que estavam de forma isolada, agora podem estar mais próximas.

Não nos esqueçamos, a geografia é a disciplina do poder! Assim, nesse cenário tenebroso da sociedade brasileira atual, o *Dossiê - Geografias Negras* se coloca como uma narrativa alternativa de esperança e luta frente ao discurso de ódio e às práticas racistas que vem (re)emergindo com força no plano nacional e internacional. O *Dossiê*, do mesmo modo, tem o propósito de realizar uma crítica e disputar as bases epistemológicas da Geografia hegemônica, que por tempos reproduziu (e reproduz) processos de dominação e subalternização racial. Com isso, as geógrafas/os negras/os e pesquisadores/as aqui, do ponto de vista da experiência negra e da agenda anti-racista, vem apresentar uma geografia mais negra, mais humana.

Uma boa leitura a todas e todos,

Asè!

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aroldo de. *Geografia do Brasil: bases físicas, vida humana e vida econômica*. Ed. Nacional, 1975.

_____. *Geografia do Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 1975[1969].

BACKHEUSER Everardo. A nova concepção da geographia. *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*. Tomo XXXI, 1926-1927.

BRESSEY, Caroline. *Empire, Race and the Politics of Anti-Caste*. London: Bloomsbury Academic, 2015.

CAMPOS, Andreilino. *Do quilombo à favela: a produção do "espaço criminalizado" no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CARVALHO, J.J.de. *O confinamento racial do mundo acadêmico*. Brasília: Série Antropológica, 2006.

CARVALHO, Delgado de. *Geografia do Brasil*, Tomo II. Geografia Regional. Rio de Janeiro: Emp. Foto-Mecânica do Brasil, 1927.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. *Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e na trajetória de Milton Santos*. Dissertação de Mestrado. PPG – IESA/UFG, Goiânia, 2010.

_____. *Inscrições da racialidade no pensamento geográfico (1880 - 1930)*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Geografia - PosGeo-UFF, 2015.

EAVES, Latoya. Black Geographic Possibilities: On a Queer Black South. *Southeastern Geographer*, v.57, n.1, 2017, p. 80-95.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. *Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de suas heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Geografia, UFBA. 2015.

KOBAYASHI, Audrey. Critical 'Race' Approaches to Cultural Geography. In: DUNCAN, J. S.; JOHNSON, N. C.; SCHEIN, R. H.. *A Companion to Cultural Geography*. Malden, Oxford, Carlton: Blackwell, 2004. p. 238-249.

MALACHIAS, Antônio Carlos. *Geografia e Relações Raciais: desigualdades Socioespaciais em Preto e Branco*. Dissertação de mestrado, São Paulo, USP, 2006.

MCKITTRICK, Katherine; WOODS, Clyde (org.). *Black Geographies and the Politics of Place*. Toronto: Between the Lines, 2007.

MCKITTRICK, Katherine. *Demonic Grounds: Black Women and the Cartographies of Struggle*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006.

MORRISSEY, John; NALLY, David; STROHMAYER, Ulf; WHELAN, Yvonne. (Org.). *Historical Geography*. London: SAGE, 2014.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Por uma História do Homem Negro. In: RATTTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a Trajetória de Vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial/Kuanza, 2007, p. 93-8.



OLIVEIRA, Denilson Araújo de. *Por uma Geografia das Relações Raciais no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Geografia – UFF, Niterói, 2011.

ROLNIK, Raquel. *Territórios Negros nas Cidades Brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro*. Estudos Afro-Asiáticos 17, Rio de Janeiro, 1989, p. 29-41.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo (SP): Ática, 1993

RATTS, Alex. As etnias e os outros: as espacialidades dos encontros/confrontos. *Espaço e cultura*. UERJ, Rio de Janeiro, n. 17-18, jan.dez., 2004. p.77-89.

_____. Geografia, relações étnico-raciais e educação: a dimensão espacial das políticas de ações afirmativas no ensino. *Terra Livre*. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. São Paulo/SP. Ano 26, v. 1, n. 34, jan.jun., 2010. p. 125-140.

_____. Encruzilhadas por todo percurso: individualidade e coletividade no movimento negro de base acadêmica. In: PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. *O movimento negro brasileiro: escritos sobre o sentido de democracia e justiça social no Brasil*. Rio de Janeiro: Nandyala, 2009. p. 81-108.

RATTS, Alex; COSTA, Carmen Lúcia.; COSTA, Kênia Gonçalves; AGUIAR, Vinícius Gomes. *Espaço e diferença: abordagens geográficas da diferenciação étnica, racial e de gênero*. Goiânia: Gráfica UFG, 2018. Disponível em: <<https://producao.ciar.ufg.br/ebooks/genero-e-diversidade-na-escola/conteudo/ficha-tecnica.html>>. Acessado em 19 dez. 2019.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RODRIGUES, Luiz Melo. As etnias brasileiras. In: AZEVEDO, Aroldo. *Brasil: a terra e o homem*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, v.2,1970. p. 159-197

RUFINO DOS SANTOS, Joel. O negro como lugar. In: MAIO, Marcos C.; SANTOS, Ricardo V. *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996. p. 219-223.

SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). *Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: O negro na geografia do Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. (Org.). *Questões urbanas e racismo*. Brasília, Petrópolis: DP e ABPN, 2012.

_____. *Movimentos Sociais e Geografia: sobre as espacialidades da ação social*. Rio de Janeiro: Consequência, 2011.

SANTOS, Milton. O intelectual negro no Brasil. *Ethnos* Nº 1 (1), 2002 [1989], p. 7-10.

_____. Ser negro no Brasil hoje. In: RIBEIRO, W. C. (org.). *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: Publifolha, 2002 [2000]. p. 157-161.

_____. As exclusões da globalização: pobres e negros. In: FERREIRA, A. M. T. *Na própria pele*. Porto Alegre: CORAG/Secretaria de Estado da Cultura, 2000. p. 9-20.

_____. Cidadanias mutiladas. In: LERNER, Julio (Ed.). *O preconceito*. São Paulo: IMESP, 1996/1997, p. 133-144.

_____. A imagem do negro. In: *Revista Imagens*. Número 04, Abr. 1995. p. 119-120.

_____. “Nossos irmãos africanos”. *Jornal A Tarde*, 12/03/1962. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Milton Santos: geógrafo e cidadão do mundo. In: *Afro-Ásia*, 25-26 (2001), p. 369-405.

_____. L’afrique vue par un noir américain. *Jeune afrique*. N. 79 – 7-13, avril, 1962. p. 11-12.

_____. *Marianne em preto e branco*. Salvador: Progresso, 1960.



SOUZA, Lorena F. de. *Corpos negros femininos em movimento: trajetórias socioespaciais de professoras negras em escolas públicas*. Dissertação de Mestrado em Geografia. IESA – UFG, 2007.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade*. Petrópolis: Vozes, 1988.

TRAPP, Rafael Petry Trapp. A sociologia negra de Eduardo de Oliveira e Oliveira. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 10, n. 25, p. 194-121, jun. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/613>>. Acesso em: 15 mar. 2020.